



## FRONTEIRAS DE TRÊS OCEANOS

*Isabel Soler*<sup>1</sup>

*Jerónimo Pizarro*<sup>2</sup>

*Rodrigo Alexandre de Carvalho Xavier*<sup>3</sup>

Os portugueses ousaram cometer o grande mar oceano», escrevia o matemático Pedro Nunes no seu *Tratado em Defençam da Carta de Marear* de 1537, e culminava a frase: descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos, e o que mais é: novo céu, novas estrelas». Na extensa literatura de viagens marítimas portuguesa dos séculos renascentistas há muitas frases tentadoras que exprimem com contundência aquilo que foram as longas décadas de navegação pelos oceanos do mundo. Mas se há uma que concentra nela própria a sensação de estupor e pasmo que no pensamento ocidental causaram essas viagens é esta do experimentado Pedro Nunes. O reconhecido cosmógrafo fala de «o grande mar oceano» como um só oceano unido e comunicador de novidades — ilhas, terras, mares, povos — e, ao pé dessa imensidade global, oferece Nunes «o que mais é»: uma nova imensidade celeste. Fala essa frase da aprendizagem do mundo e do universo que contém e o envolta.

Se no percurso da história de Europa é possível entender o Renascimento como o grande período de construção de um novo espaço do saber — matemático, cosmológico, artístico, anatómico, político, filosófico, teológico... —, a viagem renascentista pode definir-se como uma grande escola de aprendizagem da realidade do mundo e dos seus conteúdos. Nesta perspetiva, inevitavelmente, conceitos como a própria viagem, o navegador ou mesmo o termo *descobrimento* aumentam a sua complexidade e também a sua ambiguidade, pelo fato de responder com precisão a uma ideia plenamente identificável, embora essa ideia seja também plural e heterogênea, híbrida e miscelânea, como caleidoscópico e revolucionário é o próprio Renascimento.

---

1 Professora Doutora do Departament de Llengües i Literatures da Universitat de Barcelona.; [isabelsolerq@gmail.com](mailto:isabelsolerq@gmail.com).

2 Professor Doutor do Departamento de Humanidades y Literatura da Universidad de los Andes.; [jeronimopizarro@gmail.com](mailto:jeronimopizarro@gmail.com).

3 Professor Doutor do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro; [rodrigoaxavier@letras.ufrj.br](mailto:rodrigoaxavier@letras.ufrj.br).

A experiência trioceânica portuguesa — a grande contribuição lusa à revolução renascentista — é, neste sentido, um símbolo representativo, porque entendemos que foi imprescindível para o processo intelectual ocidental construir as bases do mundo moderno. Se Ocidente transformou-se irreversivelmente por causa da vagem marítima, esta viagem também transformou nem tanto o Oriente como a imagem ocidental do Oriente. No mesmo sentido, fez evoluir a antiga ideia de África e, partindo do assombro e o desconcerto, o pensamento ocidental foi vagarosamente construindo uma imagem de América. Aparecem então termos igualmente ambíguos, e muito recorrentes entre o discurso historiográfico sobre as relações continentais renascentistas, tais como *encontro*, *diálogo*, *contato*, sinónimos que neles próprios acarretam os seus antónimos. E tão importantes são esses antónimos como os seus sinónimos, porque as crónicas oceânicas portuguesas exprimem a evidente complexidade do *encontro* junto à presença constante do *desencontro*; recolhem a dificuldade de compreensão da realidade do Outro achado desde o conflituoso diálogo com essa realidade; anotam com pormenor os contactos procurados e atingidos juntamente com os desejados e jamais consumados. Seja como for, esse jogo de contrastes conseguiu que o *encontro* e os seus antónimos criaram no Ocidente um novo modelo de leitura do mundo baseado num olhar múltiplo sobre uma realidade plural.

Para o pensamento ocidental o desafio foi de uma enorme envergadura, porque conhecer e tentar compreender outros pensamentos, outras filosofias, outras religiões, outras condutas, outras ciências e outras políticas obrigou a Ocidente a tentar compreender o mundo nos parâmetros da diversidade. Esse exercício deu início a um caminho de compreensão muito dificultoso que ainda perdura na atualidade e que no percurso destes mais de quinhentos anos tem passado por períodos quer de extremo dramatismo quer de rara afinidade.

Quais foram esses paços do mundo? De que maneira se transformaram os espaços através do encontro? Quais foram os âmbitos do saber ocidental nos que se conseguiu estabelecer verdadeiros diálogos? E finalmente, que tipologias de navegadores, dentre a pluralidade deles, conseguiram entender a viagem como frutífera fonte de conhecimento da realidade do mundo?

Os ensaios que contém este monográfico *as viagens portuguesas: fronteira de três oceanos* (*Portuguese voyage's: three ocean's borders*) do segundo número do volume 23 da *Revista Diadorim* abordam algumas destas questões da perspetiva dos diferentes âmbitos do saber que foram fundamentais nos séculos renascentistas para compreender progressivamente a realidade do mundo. Mas é importante salientar que a ideia que percorre este dossiê é antiga: nasceu de uma das muitas atividades que se levaram a cabo na Feria Internacional del Libro de Bogotá (FilBo) no ano 2013, cujo país convidado foi naquela ocasião Portugal e os seus oceanos. Na Universidad de los Andes celebramos o colóquio «Los viajes portugueses: fronteras de três océanos» e debatemos sobre os dilemas da *imagem* e as *imagens* do mundo, as retóricas do relato da realidade, a ficção e a verdade do Outro, o conflito das coisas sabidas perante as ignoradas no marco do espaço trioceânico renascentista. Uma parte importante daquele debate tem presença neste volume que abre Rui Manuel Loureiro com o estudo da inovadora cartografia

portuguesa que mostrou Fernão de Magalhães perante o rei Carlos e os seus conselheiros na Cancillería Real de Valladolid para defender não apenas o seu projeto de viagem até as Ilhas da Especiaria mesmo a pertença dessas lucrativas ilhas à Coroa de Castela. Zoltan Biedermann procura e deteta na literatura de viagens portuguesa do século XVI a presença de uma forma de escrita que responde a uma conceição cartográfica de organização do relato descritivo. Segue Luis Maffei com o seu estudo dos *encontros com o Outro* que o grande poeta-aventureiro Luís Vaz de Camões quis salientar nalguns dos Cantos da sua epopeia lusíada. Onésimo Almeida exemplifica o novo espírito empírico que as novidades das viagens marítimas contribuíram a criar a partir do caso dos Açores que conheceu Gaspar Frutuoso. Cleber Vinicius do Amaral dedica o seu estudo ao capítulo mais escuro e dramático das viagens portuguesas que é a densa *história trágico-marítima*, rica em imagens e formas da retórica, que relata a pior das circunstâncias marítimas, a experiência do naufrágio. Passa o dossiê a salientar dois estudos que meditam sobre o contacto com o Outro achado no Brasil: Fernando Arantes Ferrão analisa a difícil experiência do bombardeiro Hans Staden na comunidade tupinambá para demonstrar o processo de construção da imagem do índio antropófago no imaginário europeu; e pela sua vez, Elizama Almeida concentra-se nos encontros e desencontros entre europeus e tupinambás no momento da constituição da cidade de Rio de Janeiro. Fecha este monográfico Inês Espada Vieira com uma meditação sobre uma das derivas estilísticas nas que tem evoluído o género literário da chamada literatura de viagens, que é o caderno pessoal de viagem e o seu hibridismo documental.

Todos estes estudos, de cada uma das suas perspetivas, confluem num ponto em comum que é possível sintetizar na pluralidade de cenários de aprendizagem desse novo paradigma espaço-temporal que pouco a pouco, no percurso dos séculos renascentistas, estava a construir a base da modernidade. Esses cenários, embora alguns muito distantes uns dos outros, embora radicalmente diferentes uns dos outros, tinham um fio marítimo de união, um rumo, uma singradura transoceânica. Da novidade dos conteúdos desse espaço trioceânico, e do seu impacto intelectual e emocional, fala a célebre frase do matemático e cosmógrafo Pedro Nunes.